

**VARIAÇÕES REGIONAIS:
UM BREVE OLHAR SOBRE OS FALARES BRASILEIROS**

Regina Aparecida Brito Nascimento da Silva (UEMS)

reginabrito71@gmail.com

Natalina Sierra Assêncio Costa (UEMS)

natysierra2011@hotmail.com

RESUMO

Durante o processo de colonização do Brasil, a mistura de raças foi dando origem a diferentes línguas. Tal fato contribuiu para que o povo brasileiro fosse construindo uma linguagem própria, inserindo os indivíduos em diferentes grupos sociais e influenciando no surgimento de uma grande diversidade de vocabulário e de pronúncia. Vários idiomas contribuíram na formação do português brasileiro, dentre eles o indígena; o africano; o português (de Portugal); e também alguns europeus, como o francês e o italiano. A influência desses elementos, associados ao desenvolvimento histórico e geográfico de cada região do país, deram origem as *variações regionais ou regionalismos* – que são expressões típicas de uma determinada região. Nessa perspectiva, este estudo irá discorrer a respeito das diversidades linguísticas existentes no Brasil, evidenciando a heterogeneidade da língua, em contraposição a ideia da existência de uma unidade linguística padrão. Para tanto, apresentamos um breve panorama dos falares regionais, destacando alguns dialetos e regionalismos como o baiano; o mineiro; o carioca e o gaúcho. Objetivando uma melhor compreensão, nos baseamos nas concepções teóricas de Marcos Bagno (2003, 2006 e 2007); Stella Maris Bortoni-Ricardo (2004); Louis-Jean Calvet (2002); Dinah Callou e Ivonne Leite (2010); Mário Eduardo Martelotta (2009); Maria Cecília Mollica e Maria Luíza Braga (2003); e outros estudiosos que abordam a temática em questão dentro de uma perspectiva de estudo da sociolinguística.

Palavras-chave: Sociolinguística. Língua. Variações linguísticas. Variedades regionais.

1. Introdução

Durante o processo de colonização do Brasil, a mistura de raças foi dando origem a diferentes línguas. Tal fato contribuiu para que o povo brasileiro fosse construindo uma linguagem própria, inserindo os indivíduos em diferentes grupos sociais e influenciando no surgimento de uma grande diversidade de vocabulário e de pronúncia. A influência desses elementos, associados ao desenvolvimento histórico e geográfico de

cada região do país, deram origem as *variações regionais ou regionalismos*.

A língua falada no Brasil apresenta muitas variações oriundas de fatores linguísticos e/ou extralinguísticos que podem influenciar, direta ou indiretamente, na constituição de uma determinada língua. A língua portuguesa possui variedades dialetais diferenciadas pela maneira como as pessoas falam e que podem ser facilmente identificadas por meio dos aspectos geográficos e sociais de uma determinada região.

Contudo, existe o preconceito disseminado na sociedade brasileira em relação aos diferentes modos de falar que classificam determinados dialetos ou variedades de fala como “errados” por serem considerados de menor prestígio ou inferiores. A ideia de um Brasil monolíngue ou o mito de uma língua homogênea construída por uma parcela dominante da sociedade não retrata a realidade existente. Assim, ao eleger uma norma como “padrão” está se negando a heterogeneidade da língua.

Partindo do entendimento de que as línguas não têm existência real sem as pessoas que as falam, Louis-Jean Calvet (2002) entende que a história de uma língua é a história de seus falantes, sendo esta um instrumento de fala que representa um veículo identitário.

Portanto, a fala representa e produz identidades; ela revela uma identidade cultural própria. O conhecimento da cultura de um povo está intrinsecamente relacionado ao uso de sua língua, sendo esta forma e produto dela. Fazer parte de uma comunidade de fala que compartilha os mesmos hábitos e costumes é manter vivo esse referencial linguístico, conforme relata Natalina Sierra Assêncio Costa (2002).

Nessa perspectiva, este estudo tem como objetivo discorrer a respeito das diversidades linguísticas existentes no Brasil, evidenciando a heterogeneidade da língua, em contraposição a ideia da existência de uma unidade linguística padrão. Para tanto, apresentaremos um breve panorama dos diferentes falares brasileiros e discorreremos a respeito de questões relativas aos dialetos e aos regionalismos predominantes nas línguas regionais.

Abordaremos ainda, de forma sucinta, a questão das variações e das variedades linguísticas existentes, demonstrando que não existe variante boa ou má; língua rica ou pobre; dialeto superior ou inferior, mas o que existe é uma diversidade de falares com marcas determinantes que diferenciam uma região da outra.

2. A sociolinguística e as variações da língua

Podemos inferir que a língua é dinâmica e está sempre em constante transformação. A sociolinguística tem se preocupado em estudar a língua no seu contexto real, como ela é falada no seio das comunidades, investigando a correlação existente entre o aspecto linguístico e o social; sua variação; sua diversidade e seu regionalismo. Ainda, tem observado a diferença entre a língua falada e a escrita e suas implicações no cotidiano do indivíduo.

A sociolinguística, como ciência interdisciplinar que atua na fronteira entre a língua e a sociedade investigando questões relativas ao surgimento, variação, mudança e extinção linguística, surge com o intuito de romper os paradigmas existentes no sistema tradicional de ensino da “língua em si”, que se detinha exclusivamente ao uso da forma gramatical em suas dimensões lexicais, morfossintáticas e fonéticas.

Uma relação entre língua e sociedade considera o falar natural e as formas linguísticas utilizadas por seus falantes no contexto social. Eni Puccinelli Orlandi (2003) enfatiza que a sociolinguística tem como objetivo estudar os padrões de comportamentos linguísticos passíveis de observação em uma comunidade de fala, reconhecendo a língua como um fator essencialmente social. Nessa perspectiva, podemos afirmar que os estudos sociolinguísticos são aqueles que envolvem fatores sociais e culturais do indivíduo com o intuito de observar seu comportamento linguístico dentro da comunidade da fala, e não de maneira isolada.

Enquanto a linguística se ocupa em estudar as características da linguagem humana; a sociolinguística cuida da importância social da linguagem, dos pequenos grupos socioculturais, bem como das comunidades maiores. Para se responder a determinadas questões linguísticas e suas variações, devemos direcionar o estudo para o campo da sociolinguística.

3. A variação linguística

Um dos principais fatores que determinam a vida em sociedade é a linguagem. Ela está relacionada com a maneira como o indivíduo interage com o meio, buscando retratar o comportamento e a cultura próprios de uma determinada comunidade.

Em contraposição aos primeiros gramáticos, a sociolinguística

propõe que em vez de pensarmos em “erro” deveríamos pensar em variação da língua. Para Marcos Bagno (2007), ao pensarmos em língua primeiramente devemos levar em consideração quem fala, para quem fala, o contexto social dos falantes e a situação de comunicação. Nesse sentido, a teoria da mudança e variação considera a língua em seu contexto sociocultural, uma vez que dizer que a língua apresenta variação significa dizer que ela é heterogênea. O autor destaca que a variação ocorre em todos os níveis da língua e que a sociolinguística trouxe uma grande mudança na concepção de língua ao classificá-la como um “substantivo coletivo”.

Ao estudar uma comunidade linguística, é possível verificar a existência de diversidades ou variações que se caracterizam principalmente pelo modo peculiar de falar. A esse fenômeno de repertório verbal a sociolinguística denomina de *variedades linguísticas*.

A variação linguística trata a respeito da natureza e do funcionamento das línguas humanas e sobretudo os processos de mudança linguística. Já a variedade linguística refere-se aos modos de falar uma língua, sendo que ambos se correlacionam aos fatores sociais como lugar de origem, idade, sexo, classe social, conforme observa Marcos Bagno (2007). O autor aborda ainda a respeito dessas variações, destacando que os sociolinguistas se utilizam de um conjunto de fatores sociais e extralinguísticos para auxiliar na identificação dos fenômenos de variação linguística como origem geográfica; status econômico; grau de escolarização; idade; sexo; etc. Em relação ao fator de “origem geográfica” Marcos Bagno explica:

a língua varia de um lugar para outro; assim, podemos investigar, por exemplo, a fala característica das diferentes regiões brasileiras, dos diferentes estados, de diferentes áreas geográficas dentro de um mesmo estado etc.; Outro fator importante também é a origem rural ou urbana da pessoa. (BAGNO, 2007, p. 43)

Partindo desse pressuposto, podemos entender que a língua possui suas variações e suas condições estão diretamente associadas ao ambiente social e cultural do indivíduo. Assim, a variação linguística ocorre dentro de uma determinada comunidade da fala, de acordo com a localização geográfica e a origem do falante e do contexto social em que ele está inserido.

Marcos Bagno (2007, p. 46-47) apresenta ainda uma classificação da variação sociolinguística e as divide em:

- a) Variação diatópica - é a que se verifica na comparação entre os modos de falar de lugares diferentes, como as grandes regiões, os estados, as zonas rural e urbana, as áreas socialmente demarcadas nas grandes cidades etc.;
- b) Variação diastrática - é a que se verifica na comparação entre os modos de falar das diferentes classes sociais;
- c) Variação diamésica - é a que se verifica na comparação entre a língua falada e a língua escrita;
- d) Variação diafásica - é a variação estilística, e refere-se ao uso diferenciado que cada indivíduo faz da língua de acordo com grau de monitoramento que ele confere ao seu comportamento verbal;
- e) Variação diacrônica - é a que se verifica na comparação entre diferentes etapas da história de uma língua.

Partilhando das ideias de Marcos Bagno (2007), Maria Cecília Mollica e Maria Luíza Braga (2003) destacam que a sociolinguística se preocupa com a variação da língua e seu caráter heterogêneo, contribuindo para minimizar os preconceitos linguísticos existentes em relação as diferentes maneiras de falar. Para as autoras, os fatores sociais, externos à língua, exercem influência sobre a variação da mesma dentro de uma comunidade de falantes de um mesmo dialeto.

Ainda a respeito da diversidade linguística, Dinah Callou e Ivonne Leite (2010) destacam que a variação linguística, na visão de Antonio Houaiss, é proveniente do processo de colonização ocorrido no país, sendo que houve uma dialeção horizontal por influência dos indígenas e uma diferenciação vertical entre a fala do luso e a fala do nascido e criado na terra. Para as autoras, a oposição existente entre a variante brasileira e a europeia contribuíram para que o quadro linguístico no país formasse uma língua portuguesa bastante heterogênea e diversificada, em decorrência de modificações ocorridas nas línguas indígenas faladas no Brasil antes e depois da colonização. Ainda segundo elas:

É através da língua que uma sociedade se comunica e retrata o conhecimento e o entendimento de si própria e do mundo que a cerca. É na linguagem que se refletem a identificação e a diferenciação de cada comunidade e também a inserção do indivíduo em diferentes agrupamentos, estratos sociais, faixas etárias, gêneros, graus de escolaridade... []. Assim, para o linguista, todo homem é igual não só perante a lei, mas também frente a sua capacidade linguística... []. Não existe, assim, variante boa ou má; língua rica ou língua po-

bre; dialeto superior ou inferior. (CALLOU & LEITE, 2010, p. 3)

Assim, a língua pode ser entendida como um reflexo e expressão da cultura de um povo, destacando que a hegemonia da língua portuguesa se deu por fatores históricos sem considerar a capacidade linguística dos seus falantes; sendo que para o linguista todas as línguas e variantes são consideradas igualmente, não havendo linguajar melhor ou pior que o outro, mas sim diferentes maneiras de se expressar.

Portanto, uma língua não é regida por normas fixas e imutáveis, ao contrário, ela é mutável e está sempre em constante transformação em decorrência de fatores advindos da cultura e da sociedade. Ela é heterogênea; varia; se transforma; evolui; é mutante e está sempre viva, e comporta regras variáveis que permitem ao falante utilizá-la de acordo com o seu contexto social, sem impor um modo certo ou errado de falar.

Cabe ressaltar que o fenômeno da variação linguística é natural e inerente a todas as línguas vivas e que tais variações são manifestadas de diferentes maneiras, especialmente na língua falada, uma vez que na língua escrita prevalece o uso da norma padrão da língua portuguesa. E que a crença de uma língua estática e imutável está relacionada principalmente à normatização da gramática tradicional, não sendo esta a realidade vivenciada em nosso país.

Ao afirmar que “no Brasil *não se fala uma só língua*”, Marcos Bagno (2006, p. 18) destaca que “existem mais de duzentas línguas ainda faladas em diversos pontos do país pelos sobreviventes das antigas nações indígenas”. Nessa vertente, o linguista coloca que temos muitas línguas faladas no Brasil, cada uma com sua peculiaridade. Que não existe fala errada; existe falar diferente, que são as variações no português falado em uma determinada época, numa determinada região, por um determinado grupo de falantes. Acrescenta ainda que:

A tão celebrada *unidade linguística do Brasil* não passa de um *mito*, isto é, uma ideia muito bonita, muito convincente, mas falsa. [...] portanto, não se fala “uma só língua portuguesa”. Fala-se um certo número de variedades de português, das quais algumas chegaram ao posto de norma-padrão por motivos que não são de ordem linguística, mas histórica, econômica, social e cultural. (BAGNO, 2006, p. 27/28)

Considerando que não há uma unidade linguística no Brasil, vamos encontrar na linguagem falada do português muitos termos que, apesar de não fazerem parte da norma-padrão e de não serem encontrados nos dicionários de língua portuguesa, pertencem a uma determinada co-

munidade de fala que são os chamados dialetos regionais ou regionalismos.

Por fim, temos a língua como um conjunto heterogêneo e diversificado, constituída pelos falares das diferentes comunidades de pessoas a partir de suas experiências históricas, sociais e culturais e geográficas que refletirão na identificação e no comportamento linguístico de seus falantes, sendo a variação linguística inerente a toda e qualquer língua. Significa dizer que as línguas variam no tempo, no espaço geográfico e social e também de acordo com a situação em que o falante está inserido.

4. A norma culta e o preconceito linguístico

Quando os portugueses aportaram no Brasil, à época do descobrimento, se depararam com povos indígenas que não falava português. Durante o processo de colonização a mistura de raças foi dando origem a diferentes línguas. Tal fato fez com que a população brasileira fosse construindo uma linguagem própria em diferentes comunidades, inserindo os indivíduos em diferentes grupos sociais.

Há muito tempo que a língua vem sendo instrumentalizada pelo Estado como um mecanismo de controle social. A imposição do português como língua homogênea da população brasileira contribuiu para o extermínio de muitos povos indígenas e fez desaparecer centenas de línguas. Durante boa parte do período colonial predominou a chamada “língua geral”, baseada no tupi antigo, empregada para catequizar os índios, trazendo consigo uma ideologia linguística que prevaleceu ao longo do tempo e se instalou na sociedade brasileira. Entretanto, ao mesmo tempo em que as classes dominantes determinavam o uso da língua padrão por todos, não permitiam às classes dominadas o acesso a ela; isso porque precisavam ter, além do controle social, também o controle da língua. Assim, as classes dominadas reconheciam a língua como legítima, mas não a conheciam de fato, ou seja, sabiam que existia uma maneira diferente de falar, mas não tinham acesso a ela.

A colonização teve grande influência na definição da norma-padrão no Brasil. Primeiramente com a cultura da cana-de-açúcar produzida no Nordeste que contribuiu para que essa região se tornasse o centro político, cultural e administrativo durante o período em que a capital do país era Salvador. Posteriormente, com a mudança da capital para o Estado do Rio de Janeiro, este passou a ser o mais importante nos aspectos

político, econômico e cultural. São Paulo e Minas também se destacaram economicamente em decorrência do crescimento da industrialização, o que influenciou para que o português falado nessas regiões predominasse sobre os demais. Assim, o português falado em outras regiões passou a ser considerado “diferente”, “incorreto” e até “engraçado”.

A respeito dessa questão Maria Lúcia da Silva (2009) menciona que:

A mudança que se processa no comportamento linguístico de falantes com pronúncia regional, submetidos a um meio onde entram em contato pronúncias diversas e esta diversidade de pronúncias em todo Brasil é resultado de um grande fluxo migratório entre os estados, notadamente dos estados do Nordeste. Um bom exemplo é a migração para o Distrito Federal. Uma realidade que se verifica a cada dia e traz consigo um conjunto de fatores sociais e entre os quais, a diversidade linguística. (SILVA, 2009, p. 35)

Uma variedade padrão ou norma culta está sempre relacionada ao uso que se faz da língua por grupos de maior prestígio cultural, político ou econômico, enquanto que uma variedade ou língua não padrão está associada a situações cotidianas de uso, ou seja, pelo seu uso em uma linguagem mais regional, pelo emprego de gírias e neologismos.

Ocorre que hegemonia da língua portuguesa não se deu apenas por fatores linguísticos, mas também por fatores históricos e políticos. A normatização do português falado no Brasil e denominado como “padrão”, se deu, efetivamente, a partir dos últimos dois séculos que, quando a língua passou a gozar de prestígio e a representar a “norma” para o bem falar e o bem escrever.

Existe, portanto, o preconceito contra a fala de determinadas classes sociais e também o preconceito contra a fala característica de certas regiões. Marcos Bagno (2011) complementa que se cria um padrão linguístico muito distante da realidade vivida pela língua e a partir dessa divergência, entre a maneira de falar e a língua padronizada, surgem os conflitos linguísticos.

O que a sociedade considera como “erro” na fala ou na escrita, a sociolinguística entende como sendo apenas uma inadequação, de acordo com Stella Maris Bortoni-Ricardo (2004). O erro na língua falada não se refere a uma transgressão de regras, mas a uma adequação da fala por meio do emprego de uma variedade linguística diferente daquela considerada como padrão, ou seja, uma adequação da fala ao contexto social e comunicativo do falante. Assim, devemos ter a convicção de que não fa-

lamos exatamente como escrevemos, pois a fala e a escrita compartilham de situações específicas de uso. O que pode ser considerado como errado na escrita, muitas vezes não pode ser considerado como inadequado na modalidade da fala.

Ao comparar sua fala regional com o falar que é ensinado nas escolas, o indivíduo se vê distante dessa realidade e isso faz com que se crie uma barreira entre essas duas situações. A partir daí o falante passa a formar o pensamento de que o seu modo de falar é diferente dos demais, idealizando que sua fala é “errada”, menciona Marcos Bagno (2011), destacando que é preciso reconhecer as maneiras como esse tipo de preconceito se manifesta para então poder combatê-lo. E acrescenta que acabar com o preconceito linguístico é uma tarefa bastante difícil; o que na realidade precisa ser combatida é a discriminação, ou seja, quando esse preconceito deixa de ser apenas uma atitude ou um modo de pensar das pessoas e se transforma em práticas sociais.

Nessa vertente, cabe destacar a importância de se combater o preconceito linguístico sendo que se deve iniciar pelas práticas escolares onde professores, alunos e sociedade se conscientizem a respeito da discriminação. Dialeto e língua, falar errado ou inadequado são conceitos de exclusão social e de dominação política que foram impregnados em nossa sociedade e que geram diferenças e falta de oportunidades, portanto, devem ser identificados e combatidos.

Do ponto de vista linguístico, a situação que existe no português não-padrão é o mesmo que aconteceu na história do português-padrão. Qualquer tipo de imposição de uma língua acaba gerando uma negação linguística, promovendo o preconceito linguístico por parte das camadas sociais dominantes que detém maior prestígio social. As diferenças que ocorrem na língua brasileira muitas vezes não compartilham do cotidiano linguístico de muitos de seus usuários, sobretudo daquele que apresenta um linguajar mais regional.

Assim, ancorados pelos estudos da sociolinguística, enfatizaremos um destes fatores que exercem suas influências para tamanha diversidade – o fator regional.

5. *As variedades linguísticas nos falares regionais*

Podemos dizer que o Brasil, apesar de possuir um amplo território, ainda é considerado um país que possui uma língua única. Embora

sejamos todos falantes de uma mesma língua, cada região do nosso país possui características próprias que resultam em sua cultura e apresentam diversidades: variantes lexicais nos falares regionais. Nesse sentido, uma palavra pode ser usada de diversas maneiras e apresentar conotações diferentes, dependendo da região em que ela está sendo utilizada.

Ao longo dos anos, diversas tentativas de se caracterizar o falar brasileiro padrão e de se traçar áreas dialetais brasileiras, baseadas em critérios apenas geográficos que partiam sempre de fatores históricos e/ou socioculturais, sem considerar os traços linguísticos diferenciadores, não tiveram continuidade. Dinah Callou e Ivonne Leite (2010) mencionam que Antenor Nascentes foi o único que, ao dividir o falar brasileiro em seis subfalares (o amazônico, o nordestino, o baiano, o fluminense, o mineiro e o sulista) reunidos em dois grupos, o do norte e o do sul, apresentou um critério satisfatório no sentido de delimitar as áreas dialetais brasileiras e situar o linguajar por meio de observações de natureza linguística. Segundo Nascentes, havia a ausência de linhas demarcadoras de cada um dos fenômenos linguísticos que singularizariam os dialetos, reconhecendo a existência de “variantes delimitáveis”.

A efetivação do projeto de elaboração de um atlas geral, o Atlas linguístico do Brasil (ALIB), cujo objetivo é fazer um retrato do Brasil e dar conta da diversidade existente, ou melhor, da dialeção do português, a fim de tornar viável a tão complexa delimitação de áreas próprias a cada fenômeno linguístico, conforme mencionam por Dinah Callou e Ivonne Leite (2010), destacando ainda que a variação dialetal não é exclusiva dos níveis populares, mas de todos os níveis em que exista diferenciação.

Ao classificar as variedades linguísticas, Marcos Bagno (2007, p. 48) define o dialeto como sendo um termo que designa “o modo característico de uso da língua num determinado lugar, região, província, etc.”, utilizado desde a Grécia antiga. O uso desse termo sempre foi carregado de preconceito sociocultural, sendo associado a uma forma errada, inadequada ou até mesmo feia de se falar uma língua.

Os falantes de uma determinada língua exercem aspectos diferentes dos demais, tendo em vista que nenhum falar é igual ao outro, o que caracteriza cada grupo de falantes, que são os conhecidos também como *dialeto*s. Portanto, o dialeto refere-se a uma linguagem peculiar de alguma determinada região, ou seja, a variação regional de determinada língua.

Nesse contexto, Mário Eduardo Martelotta (2009, p.19) observa que:

Cada grupo social tem um comportamento que lhe é peculiar e isso vai manifestar também na maneira de falar de seus representantes: os cariocas não falam como os gaúchos ou como os mineiros e, do mesmo modo, indivíduos pertencentes a um grupo social menos favorecido têm características de fala distintas dos indivíduos de classes favorecidas. (MARTELOTTA (2009, p. 19)

Assim, ao manifestar expressões típicas de sua região, o indivíduo revela, a partir da sua linguagem, características singulares da comunidade de fala em que está inserido. Quando uma pessoa pertence a uma determinada região (nordeste, por exemplo), a diferenciação predominante na sua maneira de se expressar identificando sua comunidade linguística por meio de características próprias.

Cabe destacar que a língua portuguesa apresenta diferentes variações que podem ser facilmente identificadas por meio dos dialetos e sotaques presentes no vocabulário de grande parte da população brasileira, distribuída em diferentes regiões geográficas do país.

Stella Maris Bortoni-Ricardo (2004), aborda a questão dos falares regionais enfatizando que:

Essas crenças sobre a superioridade de uma variedade ou falar sobre os demais é um dos mitos que se arraigaram na cultura brasileira. Toda variedade regional ou falar é, antes de tudo, um instrumento identitário, isto é, um recurso que se confere identidade a um grupo social. Ser nordestino, ser mineiro, ser carioca etc. é um motivo de orgulho para quem o é, e a forma de alimentar esse orgulho é usar o linguajar de sua região e praticar seus hábitos culturais. (BORTONI-RICARDO 2004, p. 33)

A partir da afirmação acima, é possível compreender que a identidade e a variedade compartilham uma importante característica: elas são criadas por meio de atos de linguagem. Assim, podemos considerar que as variações regionais ou diatópicas constituem os dialetos e os falares típicos de uma determinada região e contribui para identificar a origem de um determinado indivíduo ou comunidade regional geograficamente constituída por meio dos traços linguísticos de seus falantes os quais devem sentir orgulho de pertencerem a esse seletivo grupo de pessoas que formam a língua brasileira.

Falantes de uma mesma língua apresentam diferenças nos seus modos de falar de acordo com a região em que estão alocados, com a situação de fala ou de acordo com o nível socioeconômico do falante. As-

sim, surgem as chamadas zonas dialetais brasileiras que possibilitam dividir os dialetos do português brasileiro em dois grupos: o do *Norte* e o do *Sul*, e dentro destes grupos, definir suas principais variedades.

Assim temos algumas variedades regionais no português brasileiro como o dialeto nortista (amazofonia): falado na região norte do país; o dialeto sulista: falado na região sul do país; o dialeto baiano (baianês): falado na região geográfica que abrange o estado da Bahia, além de Sergipe, norte de Minas Gerais, leste de Goiás e Tocantins; o dialeto nordestino: falado nos estados do Nordeste; o dialeto carioca: região metropolitana do Rio de Janeiro. Destacamos ainda o dialeto gaúcho que é falado no Rio Grande do Sul; em parte do Paraná e de Santa Catarina, que é caracterizado por particularidades em seu léxico, influências do italiano, espanhol e alemão, conforme mencionam Dinah Callou e Ivonne Leite (2010).

6. Considerações finais

Ao discorrer a respeito da questão das variações e das variedades linguísticas existentes nas línguas faladas no Brasil, este estudo buscou demonstrar que não existe um padrão correto ou uma “língua única”; que existem diferentes estilos linguísticos predominantes na fala de um determinado grupo social ou comunidade da fala. Que falar diferente não significa falar errado.

Podemos verificar que a língua é identidade. Ela é heterogênea e que, apesar de haver um português estabelecido como norma padrão, não há somente uma língua falada no Brasil; que o português falado em cada comunidade de fala varia e se transforma; que a diversidade linguística é algo peculiar de cada região do país que possui um dialeto próprio. Portanto, toda língua viva é mutável e está sempre renovando e ampliando o seu repertório linguístico. A língua muda e varia: “muda com tempo e varia no espaço, além de variar também de acordo com a situação social do falante, conforme ressalta Marcos Bagno (2006).

Vimos também que a língua apresenta diversas variedades dialetais com diferenças na pronúncia, que ajudam a definir a que região um determinado falante pertence; ela ainda possui um caráter identitário, pois cada indivíduo possui uma língua e uma cultura própria, ou seja, uma comunidade de fala que ele está inserido.

Portanto, devemos respeitar a variedade linguística de toda e

qualquer pessoa, pois nenhuma língua é melhor ou pior que outra uma vez que todo sistema linguístico pretende expressar a cultura do povo que a fala. Como mencionado por Marcos Bagno (2003, p. 131), “a língua permeia tudo, ela nos constitui enquanto seres humanos, nós somos a língua que falamos”. E a língua nos possibilita um novo olhar do mundo e novas maneiras socialização com o outro.

Vimos que a norma padrão é apenas um modelo idealizado pelos órgãos oficiais e ensino na escola, mas as variedades da língua são reais e concretas, elas não são abstratas. Assim, é possível compreender que as variações não empobrecem uma língua, ao contrário, ela valoriza e de certa forma empodera as pessoas que as falam, tornando a língua ainda mais rica. Por esse e muitos outros motivos, não devemos menosprezar ou ignorar uma variação, seja ela formal ou informal.

Por fim, é necessário desmistificar a ideia de uma unidade linguística no falar brasileiro. Não devemos tratar a língua como algo que não nos pertence e de difícil acesso; a língua deve ser compreendida como algo inerente a cada indivíduo e deve ser acessível a todas as pessoas de diferentes camadas sociais. É necessário ainda, respeitar igualmente todas as suas variedades linguísticas regionais, pois elas constituem um precioso tesouro da nossa cultura.

Cabe ressaltar aqui a contribuição dos estudos da sociolinguística no sentido de minimizar os preconceitos existentes a respeito da língua e principalmente o seu uso em um determinado contexto social.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAGNO, Marcos. *A língua de Eulália*: novela sociolinguística. 15. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

_____. *Preconceito linguístico*: o que é, como se faz. São Paulo: Loyola, 2003.

_____. *Nada na língua é por acaso*: por uma pedagogia da variação linguística. São Paulo: Parábola, 2007.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Educação em língua materna*: a sociolinguística em sala de aula. São Paulo: Parábola, 2004.

CALVET, Louis-Jean. *Sociolinguística*: uma introdução crítica. São Paulo: Parábola, 2002.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

LEITE, Yonne; CALLOU, Dinah. *Como falam os brasileiros*. 4. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.

MARTELOTTA, Mário Eduardo. Linguística In: _____. *Manual de linguística*. São Paulo: Contexto, 2009.

MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza. (Orgs.). *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003.

ORLANDI, Eni. *A linguagem e seu funcionamento*. Campinas: Pontes, 2003.

SILVA, Maria Lúcia da. A linguística e a sociolinguística numa perspectiva brasileira. *Revista Filosofia Capital*, vol. 4, n. 8, 2009.